

de Moraes Nobre, Itamar; Lima de Paiva, Beatriz; Moura Mendes, Andrielle Cristina
As características e representações culturais do Pastoral Dona Joaquina, de São Gonçalo
do Amarante (RN/Brasil)

Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 13, núm. 28, abril, 2015, pp. 94-108
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=631768757013>

As características e representações culturais do Pastoril Dona Joaquina, de São Gonçalo do Amarante (RN/Brasil)

*Itamar de Moraes Nobre*¹

*Beatriz Lima de Paiva*²

*Andrielle Cristina Moura Mendes*³

RESUMO

Apresentam-se as características do “Pastoril Dona Joaquina” em São Gonçalo do Amarante (Rio Grande do Norte/Brasil) no contexto folkcomunicacional e da Epistemologia do Sul e descolonização das ideias. Apresentam-se notas introdutórias sobre a manifestação cultural, elaboradas com base na associação da Cartografia Simbólica (Boaventura de Sousa Santos), da Fotocartografia Sociocultural (Itamar de Moraes Nobre) e do campo da Folkcomunicação (Luiz Beltrão), tendo como técnicas a observação, o registro e acervos fotográficos do grupo folclórico cultural e as entrevistas realizadas junto aos seus representantes, de Março a Setembro de 2014. Consideramos que as ocorrências dos processos culturais referentes à manifestação tradicional do Pastoril Dona Joaquina comunicam práticas comunitárias da região, com caracteres epistemológicos do sul e contrahegemônica, reconhecendo o Pastoril como uma manifestação vinculada ao teatro religioso semipopular ibérico - como espaço de emergência e expressão de saberes tradicionais.

PALAVRAS-CHAVES

Cultura. Comunicação. Folkcomunicação. Pastoril. Dona Joaquina.

¹ Bolsista CAPES (Processo: BEX 1673/14-9), em pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra/Portugal), na Linha de Pesquisa: Estudos pós-coloniais e cidadania global, sob a supervisão do prof. Dr. Boaventura de Sousa Santos, no período de agosto/2014 a julho/2015. Docente e pesquisador do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. itanobre@gmail.com.

² Bolsista de Iniciação Científica. Aluna do Curso de Comunicação Social, habilitação em Radialismo, do Departamento de Comunicação Social, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Estudo - Imagem, Comunicação, Cultura e Sociedade (IMACCUS/UFRN). beatriz_lima2@hotmail.com.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, do Curso de Comunicação Social da UFRN. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, do Curso de Comunicação Social da UFRN. andriellecristina@yahoo.com.br.

The characteristics and cultural representations of Pastoril Dona Joaquina in São Gonçalo do Amarante (RN/Brasil)

ABSTRACT

“Pastoril Dona Joaquina’s” characteristics in São Gonçalo do Amarante (Rio Grande do Norte/ Brazil) are presented in Folkcommunicational and southern Epistemology and in idea’s decolonization context. Introductory notes are shown on cultural manifestation, elaborated on basis of Symbolic Cartography association (Boaventura de Sousa Santos), of Sociocultural Photocartography (Itamar de Moraes Nobre) and in Folkcommunication field (Luiz Beltrão), having observation, registry and folkloric cultural group’s photographic collection and interviews, held with theirs representatives between March and September 2014, as technics. We considered that the occurrences of cultural processes related to Pastoril Dona Joaquina’s traditional manifestation, communicate region’s community practices , with southern epistemological characters and anti-hegemony, acknowledging the Pastoril as a manifestation linked with Iberian semi-popular religious theater – as a space of emergence and expression of traditional knowledge.

KEY-WORDS

Culture. Communication. Folkcommunication. Pastoril. Dona Joaquina.

Introdução

O município de São Gonçalo do Amarante está localizado a treze quilômetros de distância da cidade do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, Região Nordeste do Brasil. São Gonçalo é um polo cultural de referência tanto no estado quanto no país, com manifestações importantes e contribuição artística e expressão popular local.

Este trabalho resulta de um recorte das pesquisas realizadas dentro do Grupo de Estudos IMACCUS - Imagem, Comunicação, Cultura e Sociedade, vinculado ao Departamento de Comunicação Social da UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a partir da pesquisa intitulada: As manifestações culturais em São Gonçalo do Amarante/RN no contexto da epistemologia do sul, financiada pela Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRN. O objetivo é apresentar e refletir sobre a abordagem folkcomunicacional e as características do “Pastoril Dona Joaquina” em São Gonçalo do Amarante (Rio Grande do Norte/Brasil) no contexto da Epistemologia do Sul e descolonização das ideias. Apresentam-se notas introdutórias sobre a manifestação cultural, elaboradas com base na associação da Cartografia Simbólica

(Boaventura de Sousa Santos), da Fotocartografia Sociocultural (Itamar de Morais Nobre) e da Folkcomunicação (Luiz Beltrão), tendo como técnicas a observação, o registro e acervos fotográficos do grupo folclórico cultural e as entrevistas realizadas junto aos seus representantes, de Março a Setembro de 2014.

A Cartografia Simbólica, também chamada Cartografia Sociológica é desenvolvida por Santos (2002a) investiga as representações simbólicas no campo do direito. A Fotocartografia Sociocultural foi criada por Nobre (2011), como um viés da Cartografia Simbólica. Trata-se de um mapeamento fotográfico investigativo que associa técnicas, tais como: registro fotográfico, observação, entrevista, pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. A Fotocartografia auxilia a perceber e a reconstituir, no plano social, as ações culturais e políticas da sociedade civil e as atividades cotidianas desenvolvidas como modos de vida. Favorecer a partilha de ideias de diferentes campos do saber e proporciona uma visão mais abrangente do cotidiano sociocultural pelo uso de imagens deste espaço. Traduzindo-se nessa direção, como uma tentativa de conhecer e revelar as relações socioculturais vividas pelos sujeitos da pesquisa, em seu território.

O Folclore e a Manifestação Pastoril

A etimologia da palavra folclore deu-se de maneira inicial no século XIX através do arqueólogo inglês William Thoms⁴, a partir da junção da palavra *folk* (que significa povo) com a palavra *lore* (saber). Em sua aplicação, o folclore delimita a ciência que estuda as manifestações da tradição popular, suas representações, particularidades, crenças e superstições. Entretanto, para Cascudo (1972) *o conteúdo do folclore ultrapassa o enunciado de 22 de Agosto de 1846, quando William John Thoms (1803-1885) criou o vocábulo*. O conjunto de ações natas, a transformação sensível do ambiente e a projeção do interesse humano detém finalidade folclórica. De acordo com Cascudo (1986):

Nenhuma ciência como o Folclore possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana. Ciência da psicologia coletiva, cultura do geral no Homem, da tradição e do milênio na Atualidade, do heróico

⁴ A história do termo *folklore* iniciou em 12 de Agosto de 1846, em uma carta que W.J. Thoms, por trás de um pseudônimo de Ambrose Merton, propôs “Folk-Lore” para substituir “o que designavam na Inglaterra como Antiguidades Populares ou Literatura Popular. Disponível em:

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/3814679?uid=2&uid=4&sid=21104846040031>

no quotidiano, é uma verdadeira História Normal do Povo. Tendo em vista que as ações de sua natureza são interdisciplinares, e abrangem além das manifestações tradicionais, o comportamento e a expressão humana em si. (CASCUDO, 1986, p. 15.)

O Brasil é um país rico de costumes, etnias, culturas e movimentos de representação massiva. Inserido mais incisivamente na região Nordeste, a manifestação Pastoril faz parte de um dos quatro espetáculos populares mais apreciados da região, e, no Rio Grande do Norte, o Pastoril de São Gonçalo do Amarante detém o mais vivo, tradicional e com características mais significativas do estado. A definição de Cascudo (1972) sobre o Pastoril:

Representavam a visita dos pastores ao estábulo de Belém, ofertas, louvores, pedidos de bênção. Os grupos que cantavam vestiam de pastores, e ocorria a presença de elementos para uma nota de comicidade, o velho, o vilão, o saloio, o soldado, o marujo, etc. Os pastoris foram evoluindo para os autos, pequeninas peças de sentido apologético, com enredo próprio, divididos em episódios que tomavam a denominação quinhentista de "jornadas" e ainda a mantêm no Nordeste do Brasil. (CASCUDO, 1972, p. 64).

Além dessa força significativa e movimento de expressão popular nessa região, sua tradição está impressa nos livros de importantes estudiosos e folcloristas brasileiros, e, no município, podemos encontrar outras manifestações tão relevantes e conhecidas como: Boi de Calemba Pintadinho, além de grupos parafolclóricos e muitos outros que tão bem representam a tradição cultural existente no estado.

Para Cascudo (1967) o folclore é definido como um *patrimônio de tradições* que é repassado de forma oral e se mantém conservado através dos hábitos de um povo. Um patrimônio que se faz presente em cada país e/ou grupos sociais:

Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais.

Esse patrimônio é o FOLCLORE. Folk, povo, nação, família, parentalha. Lore, instrução, conhecimento na acepção da consciência individual

do saber. Saber que sabe. Contemporaneidade, atualização imediadista do conhecimento. (CASCUDO, 1967, p. 9).

Dessa forma a representação do Pastoril é visualizada e vivenciada fortemente pela população que reside no município, onde se mantém viva a representatividade da tradição, fortalecendo e dando continuidade ao folclore e aos grupos existentes na região.

A Manifestação Pastoril em São Gonçalo do Amarante e suas características representativas

O Pastoril em São Gonçalo é parte integrante da história e formação do município e está enraizado nas representações artísticas e culturais locais. São mais de 100 anos de vivência que move a população, na qual, desde as crianças até os senhores e senhoras de idades mais avançadas, se orgulham em fazer manter viva essa tradição que vem sendo passada a cada geração e que são marcas características da cidade.

As fundamentações históricas dessa manifestação popular são oriundas da Península Ibérica e foram trazidas a partir dos autos lusitanos durante o período da colonização. No Brasil, as famílias portuguesas que se instalaram em Pernambuco posteriormente se deslocaram para o Rio Grande do Norte fundando suas cidades e assim São Gonçalo surgiu⁵. Essas famílias trouxeram consigo o Pastoril, que sofreu adaptações ao passar dos anos, agregando particularidades locais ao movimento.

⁵ Conforme, Vieira (2010) “datam do século XVII os primeiros registros sobre a ocupação da terra do que viria ser o município de São Gonçalo do Amarante. Consta a existência do Engenho Potengi da propriedade de Estevão Machado de Miranda e a povoação de Uruacú. Em 1645 a família proprietária do Engenho foi dizimada pelos holandeses assim como os habitantes de Uruacú. A fundação de São Gonçalo do Amarante decorreu de uma decisão motivada pela necessidade de reafirmar a posse da terra pela coroa portuguesa e defender os possíveis interesses de outros povos. Apesar de ser limítrofe a Natal, São Gonçalo do Amarante teve uma evolução lenta até a década de 70 quando foi alvo de atenção com área propícia a implantação de indústrias, inclusive da instalação do Distrito Industrial e mais recentemente (década de 80) como área de expansão urbana de Natal, configurando os municípios de Parnamirim, Extremoz, Macaíba e posteriormente, Ceará-Mirim a área metropolitana que já vinha sendo chamada de grande Natal”.

³ De acordo com Cascudo (1972), em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, que, por tradição, a Sagrada Família se recolheu a uma caverna (uma lapa ou gruta), tendo lá nascido o Menino Jesus. Vem, daí, o termo lapinha. Diz o folclorista, ainda, que a lapinha é a denominação popular do Pastoril, com a diferença de que era representada a série de pequeninos autos, diante do presépio, sem interferência de cenas alheias ao devocionário.

Originados na Lapinha³, os dramas litúrgicos apresentados de maneira inicial nas igrejas lusitanas detinham significados estritamente religiosos, com textos declamados em frente das igrejas com finalidade exclusiva de catequese, entretanto, aos poucos, esse movimento foi se desvinculando dessa característica e se moldando, ganhando personagens e excluindo outros de acordo com a necessidade local.

As apresentações do Pastoril são autos que fazem parte das festividades de fim de ano na região Nordeste, este que, vivencia representações dramáticas durante todo o período natalino. Devido à popularização e interesse do povo em fazer parte das apresentações da manifestação e a mudança de objetivo que foi enfrentada gradualmente pela representação, o Pastoril profano tornou-se mais acessível e se afirmou de maneira mais generalista. Dessa forma, a personagem do Pastor, presente no religioso, foi substituído pelo Palhaço, no profano, dando um ar de comicidade e se tornando alvo, também, da atração do público às apresentações.

No jogo cênico da apresentação, conta-se a história do nascimento de Jesus, a versão dos reis, o anúncio do Menino Jesus aos pastores - onde a Mestra recebe o anúncio do anjo e passa para os outros pastores do campo, que se juntam para fazer a visita ao Menino. No caminho, a Mestra recolhe os elementos do campo para presentear o Jesus, estes elementos são as pastoras, cada qual com seu nome de flor: Violeta, Açucena, Verbena, Rosa, Lírio, Cravo, Cravina. Ao encontrar o Menino, na gruta da Lapinha – localidade em que nasceu - é celebrado o dom da sua vida em comemoração.

No Pastoreio profano, a cigana é o membro que prevê o nascimento do Menino, e é incorporada à figura do pastoril. Já a Florista vai colhendo as flores junto com as Borboletas, figuras campesinas que compõem o espetáculo. A Cigana é a única que pode receber o dinheiro, ela é o personagem mais profano do Pastoril, por sua ligação com o espiritual acredita-se ser ela a única que pode receber as prendas, doações.

O Pastoril Dona Joaquina

Em consulta aos acervos fotográficos do grupo folclórico cultural, e às entrevistas em profundidade realizadas junto aos seus representantes entre Março e Setembro de 2014,

colhemos informações sobre a manifestação e as características do grupo tradicional do município de São Gonçalo do Amarante/RN. Segundo Duarte (2010), as entrevistas em profundidade são indicadas para recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. Faz-se necessário esclarecer que a pesquisa é de cunho exploratório, e por enquadrar-se nesse perfil, pode ser caracterizada como um "movimento de aproximação ao fenômeno concreto a ser investigado buscando perceber seus contornos, suas especificidades e singularidades" (BONIN, 2011, p. 39).

A história do Grupo no município surge da herança⁴ recebida das matriarcas da região, sendo o que fez sobreviver essa manifestação. E, dessa forma, o grupo composto por netas e bisnetas e filhos de ex-pastorinhas tanto do Pastoril Flor de Lírio⁵ quanto do Estrela do Norte⁶, buscaram homenagear suas mães, avós e bisavós, e são elas as representantes atuais dessa manifestação.

A partir dos conhecimentos que a foram repassados através de mães, avós e bisavós, a continuação da tradição do Pastoril de São Gonçalo do Amarante manteve-se, se firmando como representação característica e intitulada de "Pastoril Dona Joaquina". Esta nomenclatura deu-se pela diretoria em parceria com os componentes do grupo na intenção de homenagear a forte contribuição e presença lusitana no Brasil, este por se tratar de um nome comum em Portugal, nação que originou a manifestação.

O grupo tem mais de vinte anos de existência, e, durante sua trajetória, enfrentou dificuldades financeiras que levaram o Pastoril Dona Joaquina a fazer uma pausa em suas atividades, vindo a retornar no ano de 2004 com suas apresentações. Com o resgate da tradição, a integração foi reativada no grupo e a diretoria estruturada novamente, a partir de então ele foi oficialmente formalizado.⁸

⁴ Conforme a diretora do grupo Pastoril Dona Joaquina, Sephora Maria Alves Bezerra. Além disso, ela é professora e pesquisadora, sendo a responsável pela reativação e formalização do grupo.

⁵ Pastoril Flor de Lírio, grupo pastoril datado dos anos 1930 a 1950 existente no município de São Gonçalo do Amarante/RN.

⁶ Pastoril Estrela do Norte grupo pastoril atuante durante as décadas de 1960 a 1980 originário de S.G. do Amarante/RN.

⁸ Conforme a diretora do grupo Pastoril Dona Joaquina, Sephora Maria Alves Bezerra, em entrevista realizada em 2014.

No ano de 2013 o grupo alugou um espaço para os seus ensaios, que funciona como sede para as reuniões e para guardar as vestimentas, equipamentos e documentos históricos do grupo. Anteriormente a isso utilizavam o salão paroquial da igreja, já que Grupo não detinha espaço próprio, e funcionava dessa maneira desde o ano de 2004.

No Brasil, os pátios das igrejas são os lugares de apresentações mais comuns do Pastoril. Durante o espetáculo, valsas e marchinhas são tocadas e as pastorinhas dançam no ritmo das músicas, além da encenação dos dramas, e da apresentação do palhaço.

A forma teatral expressiva é a grande característica do Pastoril religioso, entretanto o incremento/substituição do profano nos autos foram reforçados e mudaram o estilo, minimizando a questão da devoção, trazendo a parte cômica às apresentações que se tornaram cada vez mais populares, e por sua beleza, saí dos pátios das igrejas e adquire autenticidade brasileira.

O Pastoril é representado simbolicamente pelas pastorinhas com um figurino mais diferenciado, com suas saias acima do joelho, para Cascudo (1972) o que tem maior significado no pastoril e o constitui, são as pastoras, os elementos básicos na função coro e são tomadas como personagens.

As cores das vestimentas das pastorinhas não se diferem em sua forma religiosa ou profana, ambas apresentam dois cordões de pastoras que são vestidas nas cores azul e vermelha. Para equilibrar os dois cordões, a Diana faz a mediação dessa rivalidade entre os cordões de pastoras, vestindo-se de azul e vermelho.



Imagen n. 1. Foto: Beatriz Lima

Na imagem n.1, podemos encontrar a representação do “Pastoril Dona Joaquina” de São Gonçalo do Amarante/RN. As pastorinhas disputam qual cordão tem mais beleza, gracejo e animação, se o azul ou o vermelho, e, para tal, buscam ressaltar a sua desenvoltura durante a apresentação. Elas são a Mestra, e as flores Açucena, Violeta, Lírio, Cravo, Cravina, Diana e Contra-mestra.

Podemos observar a participação do grupo no 4º Encontro Nacional de Produção Cultural, que ocorreu no período de Junho a Julho de 2014 na cidade de Natal/RN –Brasil. Ao fundo da imagem pode ser visualizada, em segundo plano, a banda composta pelos integrantes do grupo. O sorriso no rosto das moças deixa claro o grau de satisfação que elas têm ao representar a sua cultura local. A população é muito participativa nos eventos em que o grupo se apresenta, os cidadãos do município se orgulham de sua cultura, e fazem dela, o entusiasmo para seguir em frente. De acordo com a diretora do grupo, Sephora Maria A. Bezerra, embora seja difícil manter as apresentações, mesmo com o pouco incentivo financeiro, as integrantes se fazem presentes e honram suas vestes, cultura e tradição e o público aprecia, sempre com retorno positivo às apresentações.



Imagen n. 2. Foto: Beatriz Lima

Outra figura presente no Pastoril é o Palhaço, este que pode ser visualizado na Imagem n. 2. Durante a sua apresentação ele utiliza-se de alguns gestos de duplo sentido, entretanto, diferentemente de sua raiz pernambucana, em São Gonçalo o Palhaço não usa gestos ou palavras que agravem a moral ou respeito do público, apenas deixa subentendido algumas palavras ou não as pronuncia para atrelar o lado cômico à apresentação. Sua

cantoria, poesia e dança coreografada seguindo as dançarinas também fazem parte do conjunto.

O Pastoril Dona Joaquina é formado por suas dançarinas na faixa de idade dos 13 a 23 anos. Seus músicos que compõem a orquestra do grupo também são jovens. Estes que se empenham e imergem no conhecimento da sabedoria dos mestres tradicionais, para, desta forma, preservar as músicas e os saberes de seus ancestrais. No total, o grupo é composto por vinte e cinco pessoas, dentre elas estão as que fazem parte da organização, pesquisa e agenciamento do grupo, as dançarinas, a banda própria e o palhaço.

Os outros membros também compõem parte da diretoria, e estes são as mães das antigas pastoras e das mestras do folguedo, que além da consultoria para a manifestação também trabalham ajudando nas despesas, costuras das vestimentas e etc.

Compondo o sentimento de emoção que esses participantes dessa manifestação popular transmitem, através dos anos, a força de suas cores, a sincronia e gracejo das pastorinhas, a participação do palhaço, e toda a tradição desses jogos cênicos reforçam os saberes populares e a cultura de São Gonçalo do Amarante como referência, polo folclórico no estado do Rio Grande do Norte.

No nosso estudo vimos que a ligação entre a representação popular folclórica e a comunicação social inspirou a Folkcomunicação, campo a partir do qual se baseia a nossa apresentação sobre o Pastoril. Nesse campo as expressões, as manifestações se mostram intimamente ligadas às transmissões de notícias.

Benjamin (2007, p. 25) anuncia que quando Luiz Beltrão defendeu a sua tese de doutorado na Universidade de Brasília, em 1967, introduziu a teoria da Folkcomunicação no Brasil, conceituando-a como “o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, ideias e atitudes de massa através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”.

Beltrão (1980, p. 269-279) já indica as diversas possibilidades e variações nos estudos da folkcomunicação, apresentados aqui resumidamente: 1 - a folkcomunicação oral: o linguajar; nomes próprios, alcunhas, xingamentos, palavrões; provérbios, comparações, frases feitas; orações e suas paródias, pragas; contos, estórias, fábulas, mitos e lendas; quadras e glosas; pregões, parlendas, mnemonias, formuletes; anedotas, adivinhas,

travalínguas, bestialogias; 2 - a folkcomunicação musical: assobio e aboios; cantorias; a canção, os ritmos populares, instrumentos e orquestras; 3 - a folkcomunicação escrita: grafitos, manuscritos datilografados e em xerox, impressos, postais, santinhos e estampas e os veiculados pelos meios de comunicação de massa; 4 - a folkcomunicação icônica: escultura popular, objetos de identificação e adorno pessoal e 5 - a folkcomunicação de conduta (cinética); o trabalho e o lazer; autos, danças, espetáculos populares; atividades religiosas e atividades cívico/políticas. Todas essas formas foram consideradas por Melo (1980, p. VIII) como “um conjunto de formas de expressão das camadas marginalizadas”, como formas de comunicação do meio popular.

Corroborando este pensamento Beltrão (1980, p. 28) afirma que na sua gênese e forma a Folkcomunicação é semelhante essencialmente aos “tipos de comunicação interpessoal, já que suas mensagens são elaboradas, codificadas, e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa” (grifo do autor). Para ele a artesanalidade e a horizontalidade são partes do processo da folkcomunicação. Nesses termos pressupomos que a tendência na qual está inserida a folkcomunicação, seja a de carregar a marca de uma nova forma de produzir conhecimento científico sobre o conhecimento social, popular e tradicional, no contexto do conhecimento do senso comum, esse pode ser um viés que norteia essa justificativa. Além disso, acrescentamos, tomando a orientação literária de Boaventura de Sousa Santos, a possibilidade de entrevê-la incluída na forma de pensamento alternativo sobre os pensamentos alternativos, oriundos da classe subalterna, nas quais Luiz Beltrão centrou seus estudos e interesses como anuncia Marques de Melo (1980, p. 9). Para ele Beltrão “vislumbrou o horizonte da comunicação popular como resultado da marginalização a que a sociedade política submete a grande maioria dos trabalhadores urbanos e rurais”.

Metodologicamente associamos a Cartografia Simbólica a Folkcomunicação. Para Santos (2002), naquele contexto a cartografia simbólica permitiu identificar as estruturas profundas da representação jurídica da realidade. Nessa nossa proposta estamos utilizando a cartografia simbólica para estudos iniciais. A cartografia simbólica tem se revelado uma estratégia fecunda em outras áreas das ciências sociais aplicadas. Germano e Silva (2005), da

área da Educação, por exemplo, utilizaram a cartografia simbólica para elaborar um mapa das lembranças de alunos que ingressaram em 1956, 1957 e 1958 na Faculdade de Medicina de Natal - incorporada depois à Universidade Federal do Rio Grande do Norte - a fim de conhecer os conteúdos de ensino, o saber relacional, os recursos didáticos e o saber contextual do curso. Para eles, a cartografia simbólica possibilitou a análise dos dados coletados de forma substantiva – "vendo-os no contexto do espaço histórico, social e cultural no qual ocorreram" (GERMANO & SILVA, 2005, p.1).

O método serviu de base também para que Nobre (2011) criasse uma nova estratégia metodológica, a Fotocartografia Sociocultural – associação entre a cartografia simbólica e a fotografia - para mapear e registrar os modos de vida da população de uma reserva ambiental localizada no litoral do Rio Grande do Norte denominada Ponta do Tubarão, no município de Macau, a 181 quilômetros da capital potiguar, estratégia metodológica que também nos serve de inspiração nesse trabalho.

Associada a metodologia folkcomunicacional, a cartografia tem nos auxiliado no mapeamento das características do grupo pesquisado e na análise do papel desempenhado pelo Pastoril Dona Joaquina na comunidade local.

De acordo com Carvalho (2010), a folkcomunicação pode ser compreendida como a comunicação por meio do folclore, a comunicação em nível popular, que se refere ao povo e não se utiliza de meios formais de comunicação. Segundo ela, foi a primeira referência que Luiz Beltrão fez ao folclore como canal de comunicação que serviu de alicerce para a elaboração desse conceito. Ao estudar o tema:

Beltrão percebe que a informação se dissemina por meio dos autos populares, transformados em linguagens do povo e em expressão do seu modo de pensar [...] Com a preocupação de descobrir como as camadas populares se informavam e como sintetizavam suas opiniões, Beltrão buscou resposta nas manifestações folclóricas e na mediação dos líderes comunitários de opinião. Surge, assim, a definição de folkcomunicação. (CARVALHO, 2010, p. 111).

A pesquisa por ora realizada faz parte de nosso esforço de aprender com o Sul, como convoca Santos (2006), entendendo o Sul não como o oposto de hemisfério Norte, mas como “uma metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo” (SANTOS, 2006, p. 27), e de contribuir com os estudos desenvolvidos no âmbito da Epistemologia do Sul.

Desse esforço resultou o entendimento de que ao transmitir saberes populares entre as gerações, o Pastoril Dona Joaquina de São Gonçalo do Amarante (RN/Brasil) contribui para uma ecologia dos saberes, “porque se assenta no reconhecimento da pluralidade de saberes heterogêneos, da autonomia de cada um deles e da articulação sistêmica, dinâmica e horizontal entre eles” (CHAUÍ, 2013, p. 33) e combate as hierarquias naturalizadas pela história e por epistemologias reducionistas e contribui também para o fortalecimento do pilar da emancipação, ou do conhecimento-emancipatório, que tem como um dos eixos a expressividade das artes (CHAUÍ, 2013, P. 26) e concebe o saber como solidariedade e não como ordem, como ocorre no caso do conhecimento-regulação (SANTOS, 2006).

Conclusão

Em todos os municípios do Rio Grande do Norte existem grupos Pastoris. Alguns ativos e outros, num momento de pausa sejam eles em suas representações religiosas ou profanas. Esta forma de manifestação cultural é de grande relevância e deve se manter viva, pois, são parte constituinte da história local. Em São Gonçalo do Amarante o grupo Pastoril Dona Joaquina sobrevive e reforça, à população do município, a sua cultura mais significativa. Além também de divulgar em todo o estado, região e mesmo em eventos de aporte nacional as suas tradições e representatividade.

Consideramos que as ocorrências dos processos culturais referentes à manifestação tradicional do Pastoril Dona Joaquina comunicam práticas comunitárias da região, com caracteres epistemológicos do sul e contra-hegemônica, reconhecendo o Pastoril como uma manifestação vinculada ao teatro religioso semipopular ibérico - como espaço de emergência e expressão de saberes tradicionais.

A importância do reconhecimento da cultura popular e de seus significados comunicacionais, personificados na manifestação e caracterizados na transmissão de suas

intenções através de suas personagens, evidencia as representações do Pastoril, que são absorvidas pela comunidade de São Gonçalo do Amarante como mensagens transmitidas através da comunicação oral, a partir das gerações mais antigas para as mais jovens, responsáveis por manter viva a representatividade da tradição, fortalecendo e continuando o folclore e os grupos existentes na região.

O Pastoril Dona Joaquina quebra o paradigma de que a cultura e o folclore são de interesse de pessoas de mais idade, protagonistas ou expectadores. Contrariamente em sua maioria, os membros são jovens e adolescentes, assim como o público que procura prestigiar as apresentações do Grupo também é formado por pessoas de todas as idades. Contudo, a luta pela autenticidade e reforço de tradição, conforme foi evidenciado através do estudo dessa manifestação folclórica - e em específico o grupo Dona Joaquina-, se sobressaem dentre os fatores desfavoráveis, evidenciando a necessidade da afirmação e propagação dessa cultura tão rica e viva na cidade de São Gonçalo do Amarante/RN.

Referências

- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: A comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- _____. **Folkcomunicação**: teoria e metodologia. São Bernardo do campo: UMEP, 2004.
- BENJAMIN, R. Folclore. In: S. L. Gadini, & K. J. Woitowicz, (orgs.). **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.
- BONIN, J. A. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: A. E. Maldonado [et. Al]. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina. 2011.
- CARVALHO, S. V. C. B. R. Metodologia folkcomunicacional: teoria e prática. In: J. Duarte & A. Barros (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: editora Atlas, 2010.
- CASCUDO L. C. **Contos Tradicionais do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1986.
- _____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint:S/L, 1972.
- _____. **Folclore do Brasil (pesquisas e notas)**. Rio de Janeiro/São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.

CHAUÍ, M. Saudação a Boaventura de Sousa Santos. In: B. de S. Santos & M. Chauí. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2013.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In: J. Duarte & A. Barros (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação** (pp. 62-83). São Paulo: Atlas, 2010.

GERMANO, J. W. e SILVA, L. L. S. **Cartografando lembranças**. Disponível em <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/310.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

MELO, J. M. Prefácio. In: L. Beltrão. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Mídia e cultura popular**: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MONTENYOHL, E. Divergent Paths: On the Evolution of "Folklore" and "Folkloristics". *Journal of Folklore Research*. 1996. Vol. 33, No. 3, pp. 232-235. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/3814679?uid=2&uid=4&sid=21105425335253>>.

Acesso em: 13 dez. 2014.

NOBRE, I. M. **Revelando os modos de vida da Ponta do Tubarão**: a fotocartografia sociocultural como estratégia metodológica. EDUFRN: Natal, 2011.

SANTOS, B. de S. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Introdução: do pós-moderno ao pós-colonial e para além de um e outro. In: **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política (p. 25-47). São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, B. de S (org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002a.